

EDITORIAL

Neste número de Estudos Bíblicos, o grupo de biblistas “mineiros”, como se costumou denominar, optou por um tema que nos desafia de modo particular nesta fase histórica em que vivemos.

Trata-se da questão do “lugar”. Aqui compreendido como um produto da experiência humana, significando muito mais que o sentido geográfico de localização. Desse modo, *lugar* não se refere a objetos e atributos das localizações, mas a tipos de experiência e envolvimento com o mundo, à necessidade que o ser humano tem de possuir raízes e segurança, a situação a partir da qual ele se expressa, se comunica.

Zygmunt Bauman, em sua obra *Modernidade líquida*, identifica a sociedade e cultura atuais como “líquida”, ou seja, fluida, leve. Em seu entendimento, os fluidos “não fixam o espaço nem prendem o tempo”. Para o estado de fluidez o que conta mais é o tempo, uma vez que os fluidos não se atêm a qualquer forma, estão sempre prontos a mudá-la. Nesse tipo de cultura atual, o lugar é algo utilizado não para o intercâmbio entre as pessoas, ou a comunicação e interação entre elas, mas sobretudo para que o outro não nos perturbe, para que não haja uma verdadeira interatividade entre eu e o outro. Esse “outro” pode ser o estrangeiro, o mendigo, a criança de rua, o jovem da periferia, a prostituta e qualquer categoria social que possa incomodar. A consequência, sempre segundo Bauman, seria a denominada “patologia do espaço público”, ou seja, o “esvaziamento e a decadência da arte do diálogo e da negociação”.

Mas, este número de Estudos Bíblicos pretende ir mais além. Tomando emprestadas as palavras do artigo de abertura, competentemente redigido por Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa, da Universidade Federal de Minas Gerais, a equipe de biblistas de Minas propõe-se a “repensar os espaços diversos, múltiplos, interiores e exteriores e, ainda, aqueles que se fazem por movimentos, os que são sagrados, os inatingíveis, fixos e móveis. Buscamos responder onde estamos nós, da América Latina, na relação com Deus. Como entendemos a narrativa bíblica para o nosso hoje? De que espaço precisamos: o do regresso às origens, o do avanço?”

Adentrando ao tema a que nos propusemos abordar, o artigo de Pascal Peuzé, pesquisador francês atuante em Belo Horizonte, nos convida a descobrir, como ele mesmo nos diz com suas palavras, o “paradoxo dos paradoxos deste Lugar outro, incompreensível, desconhecido e presente-ausente: é às vezes em sua própria ausência que o Senhor é mais presente. O paradoxo da revelação seria um Deus escondido: o Deus que se esconde é o Deus que salva”. O respeito que todo ser humano deve ter por esse Deus que, no dizer de Peuzé, “escapa a toda palavra humana, a toda realidade humana. Ele é transcendente não somente com relação à morada do mundo, mas também com relação a nossa morada interior”.

Após esses dois primeiros artigos que nos oferecem uma visão mais geral e ampla dos *topoi* (lugares) bíblicos, passamos às contribuições que buscam nos fornecer exemplos vivos dessa tradição no interior da Bíblia. O primeiro deles é de Jaldemir Vitório, que aborda o relato sobre Elias presente em 1Rs 19,1-20, a cena do profeta sobre o monte Horeb. Diante dos desafios que se apresentam em sua vida, o profeta, como nos diz Vitório, dá a impressão de sentir-se fracassado diante dos “esforços para fazer frente à disseminação da idolatria em Israel. A fuga desponta como a única saída. É como se estivesse fugindo da luta. Javé, porém, o faz tomar o caminho de volta, para o ‘lugar’ de onde não deveria ter saído”. Essa dramática experiência faz o profeta aprender, segundo Vitório, “que, até dentro dele mesmo, Deus não estava do lado do Elias vitorioso e famoso, combativo e agressivo, que pensava ser o dono da luta contra os erros do rei, mas sim do lado do Elias reprimido e angustiado, perseguido e desanimado”. O profeta descobre, pela dura experiência da vida, que “Deus é livre, não só frente ao rei e aos opressores, que pensam poder controlá-lo, mas é livre também frente ao próprio Elias”. Assim sendo, “esta consciência o fez voltar para seu verdadeiro ‘lugar’”.

O colega de Ribeirão Preto (SP), Airton José da Silva, prefere abordar os obstáculos de interpretação que se encontram no interior do livro do profeta Jeremias. Essa sua escolha se deve ao fato que: “O mundo mudou muito, contudo as crises vividas por Jeremias ainda acontecem. Em contextos diferentes, é claro. Mas ninguém pode negar que os problemas da opressão, do domínio, da manipulação da religião, da falsa consciência são mais atuais do que nunca. E é aí que entra Jeremias: ele pode, com suas palavras tão antigas e tão atuais, nos ajudar a enfrentar as agudas situações de crise neste terceiro milênio”. Mas podemos falar de profetas e profetismo em meio a um mundo sempre mais secularizado?, pergunta-se Airton. Sua resposta é um desafio para o momento presente: “temos muita dificuldade em admitir um profeta ‘secularizado’, porque fazemos muita confusão entre os conceitos de Deus, fé, teologia, religião, sobrenatural, revelação, natural etc.” Continua dizendo-nos, ainda, o autor: “é necessário precisar também que a salvação, ou melhor, Deus enquanto Salvador deve existir fora e independentemente da consciência que se pode ter dele”.

Como bem nos recorda Bauman, citado acima, o “lugar” hoje é fluido, líquido, fugaz. O biblista paulista, Cássio Murilo Dias da Silva, opta por abordar a questão atualíssima do lugar virtual. Ele se interroga se “é lícito que nos perguntemos se há na Bíblia também lugares ‘virtuais’, isto é, universos regidos pelas leis do imaginário e do irreal. A resposta é, sem dúvida, ‘sim’! Há também na Bíblia universos virtuais”. A título de exemplo, Cássio Murilo trabalha textos de proveniências e ambientes diferentes: Jeremias e Qohélet (Eclesiastes). No entanto, o autor nos adverte para o fato que: “A Bíblia Hebraica é pobre de conceitos abstratos e, marcada por uma mentalidade bipolar. Por isso, grande parte do que hoje receberia o pomposo atributo de ‘virtual’, a Bíblia Hebraica opõe a verdadeiro e confiável, e qualifica de falso e enganador. Nas palavras de hoje: o falso é virtual e o virtual é falso. Não porque não é físico (não é real), e sim porque não é verdadeiro (não é confiável)”. Em seu artigo, Cássio Murilo tratará de três universos virtuais no Antigo Testamento: a) o sentimento de segurança nacional, que o profeta Jeremias chama de *šéqer* (falsidade, engano, decepção); b) a

idolatria, para Jeremias os ídolos são *šéqer* e *hével* (nulidade, vazio, vaidade); c) a teologia da retribuição fortemente criticada pelo Qohélet.

Concluindo os estudos apresentados neste número, temos uma abordagem sobre o Novo Testamento. Abrindo essa seção, Neuza Silveira de Souza e Maria de Lourdes Augusta, ambas de Belo Horizonte, nos proporcionam uma abordagem acerca da figura de Jesus, aquele que não dispunha de um lugar “onde reclinar a cabeça” (Lc 9,58). Ele, no entanto, viveu e anunciou o seu Evangelho num ambiente rural, enquanto que, nos primórdios do cristianismo e, mesmo nos tempos atuais, o desafio é a evangelização de vastos e densos centros urbanos. As autoras constataam que na “metrópole o sujeito moderno se destrói, se mostra no seu individualismo e, muitas vezes, se perde em seu desejo de satisfação e bem-estar. A maioria das pessoas vive em cidades, num ambiente agitado, agressivo, tumultuado; um lugar da não solidariedade e da não construção de bases sólidas de fraternidade; lugar que oferece um ambiente religioso diversificado, onde as pessoas podem escolher novas formas de viver a religião”. Para essas pessoas de ontem e de hoje, Jesus Cristo “ofereceu um lugar aos que não tinham lugar na convivência humana. Acolheu aqueles que não eram acolhidos”. A fim de melhor ilustrar isso, Neuza e Maria de Lourdes se propõem a analisar Lc 9,57-58; a partir da qual constataam que “*o lugar se torna imprescindível para a prática do amor. A situação de inumanidade só é perceptível a partir do lugar do pobre*”.

Nosso colega mineiro, José Luiz Gonzaga do Prado, nos oferece uma reflexão sobre os “lugares” de Paulo. Esses lugares paulinos, segundo José Luiz, podem ser encontrados quando ele afirma “ter-se feito judeu com os judeus, submisso à Lei com os submissos à Lei, sem a Lei com os que não a tinham, fraco com os fracos, e arremata dizendo ter-se feito tudo por todos. Em outros termos, procurava sempre estar no lugar de cada um”. Continua, ainda, José Luiz, “são esses lugares diversos em que Paulo se situou que vamos buscar entrever nas cartas incontestavelmente suas”. A postura de Paulo, segundo José Luiz, era sempre se colocar no “lugar do destinatário e sempre em defesa não de uma tese ou afirmação doutrinal, mas em defesa de quem no momento é a parte mais fraca e está ou pode estar sendo oprimida. Paulo jamais pretendeu apresentar um pensamento ou uma doutrina única, absoluta e insofismável, seu objetivo era apenas salvar”. Em tempos como este de hoje, a postura e mensagem paulinas se apresentam mais atuais e necessárias do que nunca!

Finalizando, este número de Estudos Bíblicos nos traz a arguta e bem elaborada recensão de uma obra introdutória ao Novo Testamento lançada há pouco tempo em nosso país, traduzida do francês, publicada na Suíça. Dessa recensão se ocupou Johan Konings.

Que todos, ao lerem esses preciosos artigos, possam melhor refletir sobre o seu próprio “lugar” num mundo que tudo parece conduzir a lugar nenhum e, ao mesmo tempo, a todos os lugares!

Telmo José Amaral de Figueiredo

